



Tito de Alencar Lima – Poesia, Trauma e Testemunho

Tito de Alencar Lima – poetry, trauma and witness

Leandro Garcia Rodrigues¹

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar a pequena, porém significativa, produção poética de frei Tito de Alencar Lima, este envolveu-se com os movimentos estudantis no momento mais crítico da ditadura militar. Foi preso e brutalmente torturado. Queremos problematizar os relatos e testemunhos deste episódio, bem como apresentar e analisar os oito poemas de sua autoria que restaram.

Palavras-Chave: Ditadura; Tortura; Poesia; Trauma; Testemunho.

Abstract: This paper aims to show the small, but important, poetical work by Tito de Alencar Lima, who was involved inside the students' political movements in the last Brazilian dictatorship. He was arrested and tortured. We want to problem these stories and witness, as well as to present and analyze the last eight poems by his auctortoship.

Keywords: Dictatorship; Torture, Poetry, Trauma; Witness.

Ao propor a temática do trauma e de seus testemunhos como eixo norteador deste artigo, quero problematizar e ampliar, além das fronteiras epistemológicas da Literatura, um debate amplo por outras áreas do saber e da representação. Foi neste afã que optei em escrever sobre a pequena – e traumática – experiência poética de Frei Tito de Alencar Lima, ex-frade da Ordem dos Dominicanos, preso e torturado nas dependências do DOPS/DOI-CODI, em São Paulo, no final dos anos 60. Tito sofreu na carne e na alma os horrores dos anos de chumbo da nossa última ditadura.

Preso em Ibiúna, no famoso congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1968, Tito foi levado para as dependências do Presídio Tiradentes, núcleo central da famigerada Operação Bandeirantes (OBAN), um dos principais eixos da repressão policial-militar do Regime. Foi lá que conheceu aquele que a recente História brasileira chama de “anjo da morte” – o delegado Luis Paranhos Fleury, ou simplesmente Delegado Fleury, considerado uma dos agentes mais desequilibrados e mórbidos das forças oficiais do sistema.

Foi no Presídio Tiradentes que frei Tito e outros tantos anônimos e conhecidos receberam toda a sorte de suplícios físicos e mentais, sendo atingidos frontalmente em todas as dimensões da dignidade humana.

Contudo, a experiência de morte e tortura nas dependências do DOPS também produziu poesia e outros textos de natureza autobiográfica, especialmente diários e

¹ Doutor e Pós-Doutor em Letras (Estudos Literários) pela PUC-Rio. Professor Adjunto de Literatura da Universidade Católica de Petrópolis (RJ).

relatos memorialísticos. Parece mesmo que a possibilidade da escrita era uma forma de equilibrar o dia a dia macabro em tais lugares, o texto se tornava uma possibilidade de evasão da realidade, o papel era uma espécie de confidente, de confessor, sobre o qual buscava-se uma tentativa de compreensão para toda aquela experiência.

Neste sentido, frei Tito de Alencar Lima não fugiu à regra. Escreveu o que foi possível durante os anos de prisão. E variou o gênero: diário, autobiografia e poesia.

Entretanto, como atestam inúmeros testemunhos, a maior parte desta produção se perdeu, os motivos foram vários: transferências entre penitenciárias, limpeza/revista das celas por parte da direção institucional, quando vários pertences dos presos eram confiscados ou, simplesmente, a descoberta por parte dos agentes penitenciários de textos escritos pelos presos, prática proibida, especialmente para presos políticos.

Desta forma, a pouca produção poética restante sobreviveu graças à “ação miraculosa” de um objeto ordinário e usual – a caneta Bic! Tito viu e aprendeu com outros detentos a prática de escrever em minúsculos pedaços de papel e enrolá-los no interior da caneta Bic, fazendo uma pequenina espiral em torno da bomba de tinta da mesma. Mesmo assim, a maior parte da sua “obra” se perdeu. A maior parte dos seus oito poemas restantes foram escritos durante o exílio na França, e foram postumamente publicados por outro frade dominicano que também foi preso com Tito – frei Betto.

Desta maneira, proponho este ousado ensaio crítico – totalmente inédito – sobre esta pequena produção poética de Tito de Alencar Lima, ou simplesmente frei Tito. Para tal, utilizarei o livro *Batismo de Sangue* (Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1991), de frei Betto, espécie de inventário/relato de toda esta experiência traumática não apenas de Tito, mas de toda uma geração de brasileiros que foram perseguidos, e alguns mortos, por questões de ideologia política num passado muito recente, mas que insiste em silenciar-se pela falta de interesse histórico e político da atual geração. Também farei uso do conteúdo digital do site “www.adital.com.br”, uma excelente proposta de Memorial *On Line* no qual estão publicados não apenas os mesmos poemas compilados pela edição de frei Betto, mas também depoimentos *de* e *sobre* frei Tito, bem como suas poucas entrevistas e seu relato pessoal quando dos dias de tortura.

Não pensei, em momento algum, *inserir* a pessoa e a parca obra literária de frei Tito no cânone da Poesia brasileira. Sei que para isso são necessários outros critérios críticos e hermenêuticos que uma produção tão pequena não possibilita. Não quero também “incensar” o seu nome, pois sei que para isso já basta a memória ideológica da sua luta e a sua total entrega à causa da libertação que o levaram a esta espécie de martírio pós-moderno. Meu objetivo é mostrar como a temática deste dossiê – traumas e

representações – é muito amplo, alcançando as mais diferentes experiências culturais e comportamentais, inclusive daqueles que não se inseriram no debate canônico de cultura. Quero apenas mostrar como a Poesia transcende as noções de espaço e tempo e se insere no cotidiano ordinário das pessoas – artistas ou não – e se tornam possibilidade de desabafo e testemunho de um mundo e de um eu fragmentados em busca de sentido e razão para existir.

I – O testemunho de uma geração, testemunho de um corpo

De origem humilde, Tito de Alencar Lima nasceu em Fortaleza (CE), em 1945. Ainda adolescente, engajou-se nos movimentos de base da sua cidade natal, especialmente aqueles de caráter estudantil, com ênfase na JEC (Juventude Estudantil Católica).

Neste sentido, é impossível ignorar a atuação da Igreja Católica no contexto histórico-político dos anos 60 e 70, principalmente o braço ideologicamente à esquerda da instituição – a Teologia da Libertação (TL).

Com o fim do Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja se viu na necessidade urgente de se readaptar às novas realidades pastorais e missionárias do mundo contemporâneo. Neste afã, as conferências episcopais de cada continente tentaram conciliar as novidades teológicas do Concílio com a realidade local, buscando novas metodologias pastorais e reorganizando a sua práxis missionária.

No que diz respeito à América Latina, a situação foi deveras sintomática, uma vez que pelos idos dos anos 60, quase todo o continente estava submerso em ditaduras de direita, a maior parte financiadas pelos Estados Unidos, que viam com temor a expansão do Comunismo neste continente. Na verdade, Washington temia que a experiência cubana se espalhasse descontroladamente e “contaminasse” outros governos latinoamericanos, daí o controle ideológico e a militarização do pensamento e da práxis política. Sabe-se que o Pentágono agiu fortemente no sentido de treinar as forças de repressão do continente, ministrando cursos de tortura e outras formas de coerção física e psicológica. Na verdade, houve uma espécie de institucionalização do terror, demonizando de todas as formas qualquer pensamento de esquerda.

Foi neste contexto banhado a chumbo e sangue que o episcopado católico de todo o continente reuniu-se em Medellín, na Colômbia, em 1968. O objetivo era claro: repensar e reorganizar a pastoral da Igreja Católica nesta América Latina marcada pelas repressões militares das mais diferentes naturezas. Era o início da Teologia da Libertação, propondo que a ideia de libertação deveria ser muito ampla, não apenas no sentido escatológico do

termo, mas em todas as realidades sociais do dia a dia – política, economia, combate à miséria, busca da cidadania, acesso à cultura etc. Neste sentido, foi o próprio frei Tito que declarou, numa entrevista à revista francesa *Front Brésilien d'Information*, nº3, em agosto de 1971 :

A jovem Igreja do Brasil é um produto da missão profética de João XXIII. Depois de muitos séculos de conservadorismo e de falsas tradições, a Igreja do Brasil mostra sinais de uma profunda transformação que nasce de uma consciência evangélica que se desenvolveu nos homens em coerência com sua missão terrena. Nós não existimos para salvar as almas, mas para salvar as criaturas, os seres humanos vivos, concretos, no tempo e no espaço bem definidos. Temos uma compreensão histórica profunda de Jesus. De todos os debates teológicos conciliares, é sem dúvida o referente à história da salvação que influenciou de modo decisivo nossa concepção de Igreja, da sua razão de ser, e de sua missão: a história da libertação do povo hebreu, eleito por Javé para tornar-se povo de Deus. É esta idéia de um "Povo de Deus" que orienta do ponto de vista teológico as transformações da Igreja no Brasil. Para nós, quem é o povo de Deus, concretamente? - São os trabalhadores, os operários, os explorados, os oprimidos, enfim toda a massa imensa que tem uma condição de vida desumana. Entre tais, Jesus toma o nome de Zeferino ou Antônio, um qualquer. A realidade social impôs um problema aos Bispos e à Igreja. Há dez anos os sacerdotes de todas as regiões do país procuram, na perspectiva de um desenvolvimento humano e justo, uma solução mais adequada dos problemas sociais. O cristianismo não se pode calar diante das injustiças, pois calar é trair. Seu dever é tornar-se sal da terra, luz do mundo. (In: www.adital.com.br – Memorial On Line Frei Tito)

Desnecessário dizer que este discurso não foi uníssono. Enquanto instituição, a Igreja sempre possuiu inúmeras realidades ideológicas, com os mais variados grupos cada qual defendendo o seu ponto de vista. Todavia, todos aqueles inseridos na chamada

Teologia da Libertação radicalizaram o trinômio fé-política-profetismo, pagando com a própria vida a opção às causas políticas e religiosas dos menos favorecidos.

Podemos dizer, sem medo da hipérbole, que nunca o Brasil presenciou um derramamento de sangue tão forte entre bispos, padres, freiras e leigos comprometidos com as causas da libertação. Os martírios do início do Cristianismo se atualizaram neste momento, quando prisões, torturas e assassinatos se tornaram a tônica no sentido de manter a ordem política do *status quo*. Na mesma entrevista, Tito fez outras declarações:

O atual regime brasileiro persegue a Igreja em razão de sua consideração pelo Concílio. As decisões da Encíclica *Gaudium et Spes*, e da reunião dos Bispos da América Latina em Medellín, Colômbia, são reprimidas de modo violento pelo regime do General Médici, através dos Órgãos repressivos, tais como CENIMAR (Centro de Informações da Marinha), e CODI (Centro de Operações da Defesa Interna). Os militares brasileiros, isto é, os oficiais mais graduados, se encarregam de aplicar os choques elétricos e a tortura aos sacerdotes de muitas paróquias do Brasil. Mais de 50 párocos foram torturados. Um deles, Pe. Henrique Pereira, do Recife, foi assassinado pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) da cidade. (In: www.adital.com.br – Memorial On Line Frei Tito)

Neste contexto, a Igreja percebeu que uma poderosa frente de trabalho pastoral se daria com a juventude católica. Esta foi propositalmente separada de acordo com a natureza de sua atuação na sociedade: JAC (Juventude Agrária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JIC (Juventude Independente Católica), JOC (Juventude Operária Católica) e JUC (Juventude Universitária Católica). De todos esses grupos, a JUC foi a mais organizada e disseminada, principalmente nas capitais brasileiras, fazendo-se presente através de grupos de reflexão nas mais diferentes universidades e faculdades do país, confessionais ou não (inclusive nas públicas).

A JUC possuía uma organização em comitês estaduais, congregando os grupos de cada instituição de ensino. A união destes comitês formava a JUC nacional, um dos embriões da futura União dos Estudantes do Brasil – a UNE. Foi na JUC do Ceará e posteriormente de Pernambuco e São Paulo que Tito de Alencar Lima desenvolveu as suas duas grandes vocações: a política e a religiosa.

Por esta época, os frades dominicanos brasileiros faziam a coordenação e a direção espiritual da JUC, tanto nacionalmente quanto em alguns comitês estaduais, fazendo a perfeita ligação entre fé e política. Desta maneira, houve inúmeras vocações religiosas ao sacerdócio católico nascidas de tais grupos. Era uma época de crença no futuro, de certeza na libertação política do Brasil, de vitória da luta organizada contra a repressão, de sonho em ver o Brasil livre da Ditadura militar. É quando se deu a entrada de Tito de Alencar Lima no noviciado dominicano, em 1966, marcando definitivamente a sua entrega a Deus e ao próximo através da organização de grupos e seu respectivo aparelhamento ideológico, sempre visando a libertação das mais diferentes formas de opressão.

Assim sendo, foi em 1968 que começou a Via Crúcis de frei Tito. Foi preso durante os dias do congresso da UNE em Ibiúna, São Paulo. A polícia civil da época seguia rigidamente as ordens do Exército brasileiro, que disseminou a ideia de uma “guerra política” cujo objetivo era combater a instalação de um regime comunista no Brasil, fato este que ajudou na justificação do próprio Golpe de 64. Aplicando fielmente a Lei de Segurança Nacional, o Estado de Direito foi relativizado e até mesmo ignorado, especialmente após o Ato Institucional 5 (AI-5), em 1968, quando o regime ditatorial apresentou a sua dimensão mais sádica e desequilibrada.

Outro fator que contribuiu para a perseguição política aos padres dominicanos brasileiros, além do comprometimento com os movimentos de base, foi a aproximação de alguns destes com Carlos Marighella. O Exército considerava Marighella um terrorista de alta periculosidade, figura central da guerrilha urbana e, por isso mesmo, precisava ser eliminado, o que de fato ocorreu através do famigerado Esquadrão da Morte, comandado pelo delegado Fleury, o mesmo que tempos depois torturaria frei Tito na OBAN. Desta forma, prender e torturar determinados frades dominicanos era também desmantelar a organização de grupos ideologicamente contrários ao Regime, especialmente pelo fato de que estes exerciam a pastoral entre universitários, intelectuais, operários e outros. Todo esse “clima de guerra” (usando expressões da repressão) justificava a captura dos mesmos, como testemunhou o próprio Tito:

Fui levado do Presídio Tiradentes para a Operação Bandeirantes – OBAN (Polícia do Exército) – no dia 17 de fevereiro de 1970, terça-feira, às 14 horas. O capitão Maurício veio buscar-me em companhia de dois policiais e disse: “Você agora vai conhecer a sucursal do inferno”. Algemaram minhas mãos, jogaram-me no porta-malas da perua. No caminho as torturas tiveram início:

cutiladas na cabeça e no pescoço, apontavam-me seus revólveres. Ao chegar à OBAN, fui conduzido à sala de interrogatórios. A equipe do capitão Maurício passou a acarear-me com duas pessoas. O assunto era o congresso da UNE em Ibiúna, em outubro de 1968. Queriam que eu esclarecesse fatos ocorridos naquela época. Apesar de declarar nada saber, insistiam para que eu “confessasse”. Pouco depois levaram-me para o pau de arara. Dependurado, nu, com mãos e pés amarrados, recebi choques elétricos, de pilha seca, nos tendões dos pés e na cabeça. Eram seis os torturadores, comandados pelo capitão Maurício. Davam-me “telefones” (tapas nos ouvidos) e berravam impropérios. Isso durou cerca de uma hora. Descansei quinze minutos ao ser retirado do pau de arara. O interrogatório se reiniciou. As mesmas perguntas, sob cutiladas e ameaças. Quanto mais eu negava, mais fortes as pancadas. A tortura, alternada de perguntas, prosseguiu até as vinte e duas horas. Ao sair da sala, tinha o corpo marcado por hematomas, o rosto inchado, a cabeça pesada e dolorida. Um soldado carregou-me até a cela 3, onde fiquei sozinho. Era uma cela de 3 X 2,5 mts, cheia de pulgas e de baratas. Terrível mau cheiro, sem colchão e cobertor. Dormi de barriga vazia sobre o cimento frio e sujo. (LIMA apud BETTO, 1991, pp.228-229)

Tem início o relato do horror, espécie de filme macabro que não foi a exceção, mas a regra de inúmeras vítimas. Este relato foi escrito pelo próprio Tito, quando ainda estava preso, e divulgado clandestinamente na imprensa, especialmente a internacional. Como este texto saiu da cadeia ainda é uma incógnita, provavelmente através de alguma visita. Vale a pena, embora sejam notas imensas, a reprodução de determinadas partes do mesmo, já que este dossiê de *Teia Literária* propõe o debate acerca de Traumas e Testemunhos:

Na quarta-feira [18 de fevereiro de 1970], fui acordado às oito horas da manhã. Subi para a sala de interrogatórios, onde a equipe do capitão Homero me esperava. Repetiram as mesmas perguntas do dia anterior. A cada resposta negativa eu recebia cutiladas na cabeça, nos braços e no peito. Nesse ritmo prosseguiram até o

início da noite, quando me serviram a primeira refeição naquelas 48 horas: arroz, feijão e um pedaço de carne. Um preso, na cela ao lado da minha, ofereceu-me copo, água e cobertor. Fui dormir com a advertência do capitão Homero de que, no dia seguinte, enfrentaria a “equipe da pesada”. Na quinta-feira, três policiais acordaram-me à mesma hora do dia anterior. De estômago vazio, fui para a sala de interrogatórios. Um capitão, cercado por sua equipe, voltou às mesmas perguntas: “Vai ter que falar senão só sai morto daqui!”, gritou. Logo vi que isso não era apenas uma ameaça, era quase uma certeza. Sentaram-me na cadeira do dragão, com chapas metálicas e fios, descarregaram choques nas mãos, nos pés, nos ouvidos e na cabeça. Dois fios foram amarrados em minhas mãos e um na orelha esquerda. A cada descarga, eu estremecia todo, como se o organismo fosse se decompor. Da sessão de choques passaram ao pau de arara. Mais choques, pauladas no peito e nas pernas que cada vez mais se curvavam para aliviar a dor. Uma hora depois, com o corpo todo ferido e sangrando, desmaiei. Fui desamarrado e reanimado. Conduziram-me à outra sala dizendo que passariam a descarga elétrica para 220 volts a fim de que eu falasse “antes de morrer”. Não chegaram a fazê-lo. Voltaram às perguntas, batiam em minhas mãos com palmatória. As mãos ficaram roxas e inchadas, a ponto de não ser possível fechá-las. Novas pauladas. Era impossível saber qual parte do corpo doía mais; tudo parecia massacrado. Mesmo que quisesse, não poderia responder às perguntas: o raciocínio não se ordenava mais, restava apenas o desejo de perder novamente os sentidos. Isso durou até as dez horas, quando chegou o capitão Albernaz. (Idem, 1991, pp.230-231)

Percebe-se uma incrível dose de sadismo naqueles que agiam “em nome da segurança nacional”, a institucionalização do terror sob a forma prática da tortura. Interessante ressaltar essa espécie de narrativa mórbida do corpo, inscrito por toda sorte de sevícias e que, por isso mesmo, escreve-se como texto de uma narrativa testemunhal. Dando continuidade às suas lembranças, Tito informa mais detalhes do seu processo:

“Nosso assunto agora é especial”, disse o capitão Albernaz ligando os fios em meus membros. “Quando venho para a OBAN, deixo o coração em casa. Tenho verdadeiro pavor a padre e para matar terrorista nada me impede... Guerra é guerra, ou se mata ou se morre. Você deve conhecer fulano e sicrano (citou os nomes de dois presos políticos que foram torturados por ele). Darei a você o mesmo tratamento que dei a eles: choques o dia todo”. Estavam três militares na sala. Um deles gritou: “quero nomes e aparelhos”. Quando respondi: “não sei”, recebi uma descarga elétrica tão forte, diretamente ligada à tomada, que houve um descontrole em minhas funções fisiológicas. O capitão Albernaz queria que eu dissesse onde estava o frei Ratton. Como não soubesse, levei choques durante quarenta minutos. Queria os nomes de outros padres de São Paulo, Rio e Belo Horizonte “metidos na subversão”. Partiu para a ofensa moral: “quais os padres que tem amantes?”, “por que a Igreja não expulsou vocês?”, “quem são os outros padres terroristas?” Declarou que o interrogatório dos dominicanos feito pelo DOPS tinha sido “a toque de caixa” e que todos os religiosos presos iriam à OBAN prestar novos depoimentos. Receberiam também o mesmo tratamento. Disse que “a Igreja é corrupta, pratica agiotagem, o Vaticano é dono das maiores empresas do mundo”. Diante das minhas negativas, aplicavam-me choques, davam-me socos, pontapés e pauladas nas costas. Revestidos de paramentos litúrgicos, os policiais me fizeram abrir a boca “para receber a hóstia sagrada”. Introduziram um fio elétrico. Fiquei com a boca toda inchada, sem poder falar direito. Gritavam difamações contra a Igreja, berravam que os padres são homossexuais porque não se casam. Às 14 horas, encerraram a sessão. Carregado, voltei à cela, onde fiquei estirado no chão. Às 18 horas serviram jantar, mas não consegui comer. Minha boca era uma ferida só. Pouco depois levaram-me para uma “explicação”. Encontrei a mesma equipe do capitão Albernaz. Voltaram às mesmas perguntas. Repetiram as difamações. Disse que, em vista de minha resistência à tortura, concluíram que eu era um guerrilheiro e devia estar escondendo minha participação em assaltos a bancos. O “interrogatório” reiniciou

para que eu confessasse os assaltos: choques, pontapés nos órgãos genitais e no estômago, palmatórias, pontas de cigarro no meu corpo. Durante cinco horas apanhei como um cachorro. No fim, fizeram-me passar pelo "corredor polonês". Avisaram que aquilo era a estréia do que iria ocorrer com os outros dominicanos. Quiseram me deixar dependurado toda a noite no "pau-de-arara". Mas o capitão Albernaz objetou: "não é preciso, vamos ficar com ele aqui mais dias. Se não falar, será quebrado por dentro, pois sabemos fazer as coisas sem deixar marcas visíveis". "Se sobreviver, jamais esquecerá o preço de sua valentia". (Idem, 1991, pp.232-233)

Insisto na ideia de uma espécie de sistematização do terror por parte das forças "legais", isto é, na legalização pública de perseguições, torturas e assassinatos por parte do Estado. O relato fala por si só, não necessitando de análises teóricas e metodológicas, tão comuns nos nossos textos acadêmicos. Tito de Alencar Lima, assim como tantos outros, torna-se autor, personagem e narrador da sua própria história de fragmentação e horror, nesta proposta de martírio pós-moderno tão próximo de nós, mas infelizmente tão distante por conta da atual geração, marcada por um forte sentimento a-histórico e a-político, salvando-se algumas dignas exceções.

Não quero, em momento algum, criar um herói, mitificar uma biografia, muito menos acreditar de forma ufanista que na esquerda brasileira só havia "gente de bem". Absolutamente. Erros e exageros foram cometidos de ambos os lados. Todavia, é assaz problemático quando se oficializa a selvageria humana, ou seja, quando todo este sadismo é realizado em nome da proteção do Estado e por ele justificado.

Tito permaneceu no Presídio Tiradentes até o início de 1971. No mês anterior, ocorreu o sequestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bücher. A ação foi realizada pela Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), que em troca do diplomata exigiu a soltura de setenta presos políticos, entre eles, frei Tito. Após longas negociações entre os sequestradores da VPR e o governo brasileiro, em janeiro de 1971 um avião com os ex-detentos partiu para Santiago. O Chile de Salvador Allende parecia o lugar perfeito para um socialista, mas Tito decidiu pela Europa. Foi primeiro para Roma, onde foi recusado pelos padres do Colégio Pio Brasileiro, pois tinha fama de terrorista. Da Cidade Eterna transferiu-se para Paris, onde já viviam (exilados) alguns frades dominicanos brasileiros. Estabeleceu-se no Convento de Saint Jacques, no centro daquela capital.

Iniciou estudos na área de Teologia e fez novas amizades. Entretanto, o mal estava feito em sua alma, Tito desenvolveu um sintomático desequilíbrio psíquico que o levaria à morte, sua última tentativa de equilíbrio. Sentia-se perseguido pelos torturadores de São Paulo, via as figuras dos seus antigos algozes em toda parte, projetados nas pessoas mais comuns que circulavam pela Cidade Luz.

Permaneceu dois anos em Paris. Em junho de 1973, Tito mudou-se para Lion, no interior da França, passando a residir no Convento de Santa Maria de la Tourette, nas cercanias de L'Arbresle. A decisão por uma cidade pequena parecia ser uma solução para os seus males da mente: a solidão, o isolamento, mais tempo para rezar, o contato com a natureza – tudo isso se mostrava propício à sua recuperação. Todavia, a realidade foi bem mais cruel, pois parecia que a “sucursal do Inferno”, como vociferou o policial que o prendeu em São Paulo, em 1968, insistia em permanecer viva no seu íntimo.

Tito iniciou psicoterapia e arrumou um trabalho na colheita de cerejas nas cercanias de Lion. Mas estava morto por dentro, estava desordenado não por opção própria, buscava dramaticamente o seu ponto de equilíbrio.

Encontrou, no outro lado da vida, a paz que lhe roubaram nos seus últimos anos. Como uma espécie de protesto, suicidou-se no dia 10 de agosto de 1974. Apenas com uma corda e um galho de árvore.

II – Poesia, trauma e testemunho

Como já prevenido na introdução deste trabalho, meu objetivo não é cobrar a canonização da pequena obra de Tito de Alencar Lima. Para tal, teríamos a necessidade de uma produção mais abrangente e variada, outras análises críticas da mesma, circulação dos seus textos e outros critérios e fatores defendidos pela Crítica Literária.

Trata-se, antes de tudo, de demonstrar como que o testemunho de traumas físicos e psíquicos alcança as mais diferentes representações do ser humano, atingindo os seus mais variados estados de alma e de arte. Neste sentido, apresentamos os únicos oito poemas que sobraram da produção de Tito. Pelos relatos de amigos que conviveram com ele, é bem provável que o poeta escreveu muito mais. Entretanto, muitos se perderam (como outros textos de diferentes gêneros) em variadas situações: revista da polícia carcerária dentro do presídio, transferência de unidades prisionais, situações de desequilíbrios geradas pela tortura, viagens para o derradeiro exílio e a sua própria ação destrutiva durante os últimos anos de vida, parecendo mesmo que sua problemática

psiquiátrica o impelia a destruir qualquer registro, tamanho eram seu medo e sua neurose de ser “redescoberto” pelas forças da repressão.

Há um poema sem datação precisa, o que pode sugerir qualquer momento de sua criação. Contudo, os demais são todos da temporada na França, seus últimos anos. Segundo relatos, foi graças à atuação amiga do frei Xavier Plassat, grande companheiro de Tito no seu final de vida, que temos hoje essas raras reminiscências poéticas.

Por estas e outras razões que sobraram apenas esses oito exemplares da sua produção poética. Citarei todos, com pequenos comentários críticos após cada um, mas lembrando que a Poesia fala por si só na alma do seu receptor, não necessitando de complexas hermenêuticas. Vamos lá:

a) **Xadrez**

*Medo de deixar a Ordem e sofrer atentados à vida
(estou sendo perseguido);
Não posso voltar ao Brasil;
Medo de estar sendo difamado;
Medo de não poder ser mais aceito na esquerda brasileira;
Medo de ser morto ou torturado no Brasil;
Medo de passar necessidade fora da Ordem;
Não encontrei uma mulher;
Medo de desestruturar psicologicamente;
Medo de fracassar na universidade;
Pessimismo face à minha resistência física e psicológica;
Incapaz.
Sempre fui conhecido como um cara de esquerda;
Tenho um longo passado de militância;
Tenho fama de haver resistido às torturas e de tê-las denunciado;
Tenho certa cobertura.
Resistir contra tudo e todos.*

(Tito de Alencar. Paris, entre 1971 e 1973)

Percebe-se claramente o discurso/desabafo autobiográfico do eu-lírico. É o medo de existir, de continuar a ser, de estar no mundo. A opção pela primeira pessoa do singular é sintomática, provocando um complexo entrelaçamento entre poesia e vida, tão

ao gosto de inúmeras vanguardas do anos 70, especialmente aquelas ditas marginais. Mas continuemos.

b) Quando Secar o Rio da Minha Infância

*Quando secar o rio de minha infância,
secará toda dor.*

*Quando os regatos límpidos de meu ser secarem,
minh'alma perderá sua força.*

*Buscarei, então, pastagens distantes
Irei onde o ódio não tem teto para repousar.
Ali, erguerei uma tenda junto aos bosques.*

*Todas as tardes me deitarei na relva,
e nos dias silenciosos farei minha oração:
Meu eterno canto de amor: expressão pura de minha mais profunda angústia*

*Nos dias primaveris, colherei flores para
meu jardim da saudade.
Assim, exterminarei a lembrança de um passado sombrio.*

(Tito de Alencar. Paris, 12 de outubro de 1973)

Algum crítico já afirmou que a Poesia do espanhol Federico Garcia Lorca é “assombrada” e “desesperada”. Creio que esta classificação crítica também pode ser aplicada à Poesia de Tito, parece mesmo que o papel se torna espaço para desabafo e expectativa, desgraça pessoal e possibilidade de redenção. No seu texto vemos um eu que ser livre, sem amarras, solto. Mas também é proposto um eu que não se liberta, não supera, que ainda sofre com um passado presente e cortante, simulacro de destruição e aniquilamento. Vejamos o seu terceiro poema:

c) O Retirante

*Longe vem o retirante
Calmo e tranquilo com seu passo cadente.
Vem de muito longe, de terras sem fim.*

*Quem dará abrigo para ele?
Sua túnica precisa ser mudada,
Seus olhos precisam estar limpos,
Suas mãos asseadas.
Precisa de repouso.
De paz.
Chega para anunciar a vida.
Vem dizer que nos esquecemos de amar.
Ah! quem me dera estar com ele para ...*

(Tito de Alencar. Paris, 1972 – 1973)

Assim como em *Esperando Godot*, de Samuel Beckett, este retirante se torna possibilidade messiânica, salvífica, que chega (será?) para dar um sentido à vida deste eu que almeja sair de si próprio e ir ao encontro deste retirante. O quarto poema:

d) **Mulher**

*Vestiste de brancas nuvens e de sol azul
Foste musa dos deuses;
de Baco, foste a primeira dama.*

*Alegreste corações, criaste profundezas.
Nos teus seios, pousou a mais bela borboleta
Porque os tornaste esplendorosos como uma Rosa.
Rosa que cheira;*

*Rosa que atenta;
Rosa que ama.
Sois toda pura,*

Ó formosa e bela mulher.

(Tito de Alencar. L'Arbresle, 12 de julho de 1973)

Um canto lírico de tendência temática pagã, tendo a natureza como cenário e palco para os encantos do eu poético, para os paradoxos deste mesmo eu – “Rosa que atenta; / Rosa que ama. / Sois toda pura”. Temos agora o quinto poema:

e) **Se o Céu e a Terra**

Se minha alma é morta, quem a ressuscitará?

De noites sombrias,

de luzes opacas.

Meu espírito geme em dores.

Meu coração bate como o tic-tac de um relógio

em busca do ser quando este ser é o nada.

Minha vida freme em um eterno dilema:

O ser e o não-ser,

viver é ver,

ver estrelas,

ver flores,

ver a infinita beleza de um ser criador.

Não buscar o céu, mas talvez a terra,

um paraíso perdido.

Se o céu é terra, nele eu me movo como um ser

moribundo: experiência, experiência do meu viver.

Em luzes e trevas derrama o sangue da minha existência.

Quem me dirá como é o existir

Experiência do visível, ou do invisível?

Se o invisível é o visível para que ver?

Meu ver é um sofrer, no mundo oculto

de minha profundidade: minha singularidade.

Talvez minha simplicidade complicada.

Há razões para o não-ser,

pois no nada, no vazio,

Encontro uma chama que procura por absoluto.

Mas aonde?

Em que terra?

Olho todos os dias as estrelas, olhar singelo

de um infinito, tão vasto quanto a distância de seu brilho.

Talvez elas sejam os olhos de Deus, do Deus criador.

(Tito de Alencar, sem data)

Poema de forte dosagem existencialista, questionador dos dramas mais profundos do cotidiano ato de existir. O verso “Em luzes e trevas derrama o sangue da minha existência.” prediz uma espécie de profecia da vida que não é opcional, mas imposição, arbitrariedade. Vida que se esvai aos poucos, pois “Há razões para o não-ser”, razões para não estar. O sexto poema:

f) **Lasciate Ogni Speranza, Voi Ch'entrate!**

(“Deixai toda esperança, ó vós que entráis” – Dante)

São noites de silêncio.

Vozes que clamam num espaço infinito

Um silêncio do homem e um silêncio de Deus.

Talvez seja esta a voz humana, de nosso tempo.

Quem o entende? quando fala?

E quando fala, o que diz?

Senhor, vós viveste esta hora junto ao vosso pai amado.

Para que buscaste esta forma de vida?

Por que oraste? Por acaso não sois vós Deus?

Que pedias? Por que não disseste aos teus amigos teus encontros e noites escuras e de trevas?

Afastado num monte, belo, simples como toda beleza,

tu pediste ao teu Pai, a tua paz, o teu sentido

Da tua missão,

Da tua paixão,

Da tua solidão

Algumas vezes, quando te encontro te vejo só. Incompreendido.

Também abandonado.

*Pai, meu pai, por que me abandonaste?
Senhor, será que teu Pai te abandonou?*

*Quanto a mim, estou só. Num mundo, não sei qual mundo.
Talvez da incerteza, mas também da Esperança:
De um dia de ver-te face-a-face.
Como gostaria de ver,
E de perguntar apenas:
O que queres de mim?
Por acaso não me chamastes à vida?
E por que me abandonas?
Ou será que meus ouvidos já estão
surdos à tua voz?*

*Vozes do silêncio,
Vozes das dores,
Voz de um sofrimento mesclado com tua maneira
de ser diante de mim.
Qual é a palavra do teu silêncio?
O meu, tu bem sabes.
Nem mesmo compreendo.
Não retires de mim teu Espírito
Vê minha face,
Mas que eu a veja
Mostrai-me tua visagem, para que seja um acalanto.
Um canto de ninar
A uma criança que se entrega totalmente aos teus braços de consolo e paz.*

(Tito de Alencar. L'Arbresle, 1973 – 1974)

Um poema de diálogo entre a alma do eu poético e Deus, entre o Criador e criatura sedenta de um sentido para a dor, para o sofrimento humano de cada dia. Na verdade, o eu-lírico busca compreender aquilo que o próprio Cristo interpelou a Deus na hora da agonia: por que sofremos? Por que somos/fomos abandonados? Se Deus é Pai, por que Ele abandona os seus nos momentos mais cruéis da existência? E creio que o verso “Um silêncio do homem e um silêncio de Deus.” é fundamental para se compreender (ou pelo

menos tentar) esta dialética, esta imposição. Trata-se de um questionamento que busca fundo no âmago das coisas hodiernas e das quais não escapamos. O sétimo poema também explora tais aspectos, mas na perspectiva sintomática da criança:

g) Dormes, Criança

*Dormes, criança, pois teu sonho é paz,
Embale, em tu'alma, o canto profundo
De um amor imenso que apagaste
Em cantos mil.*

*Dormes, dormes, o amanhã é ternura
É dia de sol,
É dia de luz.
Canta teus cantos,
Brincas teus pássaros,
Faz da tua vida a beleza d'uma ventura
Que é a graça, também dom de Deus.*

*Sonhas, sonhas, ó infância amada
Que em poetas acalanta o descanso de ti.
Em teus braços frágeis trazes flores
Para enfeitar um mundo de dores
Onde a alma não encontrou as dores
Para uma realidade maior.*

*Faz de tua paz, a nossa paz,
De teu olhar, nosso sentido
Mesclado de claro-escuro
Dimensão de todo ser,
Profundo,
Imenso
Sopro a encher um espaço vazio
Não encontrado no infinito do amor.*

*Dize-me em que braços andas,
Que sonham teus sonhos,
Para que veja a clareza de teu Espírito.*

*Faz dele o sonho do Nazareno
Que também foi criança,
Sonhando como tu sonhaste,
Enfeitou uma pequenina aldeia de Esperança,
Uma Nazaré humana, abrigo dos pobres,
Sustento dos fracos,
Grandeza dos pequenos como tua pequenez.*

(Tito de Alencar. L'Arbresle, 06 fevereiro de 1974)

De forma dócil e infantil, o questionamento existencial que permeia a Poesia de Tito se faz presente. Só que de uma forma diferente, mais lírica, sutil, pueril, mas sempre sedenta de resposta, da busca de um sentido para a vida, de uma transformação não apenas social, mas também pessoal, humana, endógena. E desta forma, apresento o seu oitavo e último poema:

h) Porque Foges?

*Por que foges, quando todo meu corpo te procura?
Por que não me respondes?
Minha voz está rouca de te chamar.*

Onde estás?

*Talvez, foste embora bem longe,
Mas, para onde?
Para qual estrela refugiastes?*

*Se lá estivesses, transformaria meus olhos em telescópio
Todas as noites falaria contigo,
pertinho de ti.*

*No jardim de teu planeta colheria as mais belas flores
para fazer de teu corpo puro perfume
E ser desejado com todo ardor de meu sexo.*

(Tito de Alencar. Paris, 1972 – 1973)

Um poema de proposta erótica, mas um erotismo um tanto cósmico, universal, que anseia pela pessoa amada para, junto dela, vivenciar as delícias da união com aquele/aquela que amamos. Mas também se trata de um texto que, assim como todos os outros, busca um sentido, uma resposta, uma explicação, o resolver de uma interrogação. “Por que foges? / Por que não me respondes?” são perguntas muito amplas, abertas, rachadas, que podem encontrar respostas as mais variadas ou, na pior das possibilidades, continuarem sem resposta.

Considerações Finais

Esta é a pequenina antologia poética de frei Tito de Alencar Lima. Poesia de jorro autobiográfico, com fortes intercessões do elemento vida no seu interior, falando e revelando as recriações do cotidiano duvidoso, incógnito.

Trata-se de um conjunto diminuto em termos quantitativos, mas que apresentam força, sustento, conteúdo, temática universalizante, sempre atual – porque viver é um eterno desafio. Um conjunto de textos que intriga e nos interpela a pensar a vida, ainda que a vida dos outros, um conjunto de textos que gritam e pedem oportunidade de expressão.

Desta forma, cumprimos o nosso objetivo inicial proposto para este ensaio: demonstrar como a vida de frei Tito foi rica, inquietante, sedenta e incômoda. Sede e fome de justiça nunca são demais, nunca são hipérbole. São condições necessárias para se buscar uma sociedade igualitária e não excludente, que promova a vida em detrimento da morte, que respeita as diferenças e variações do viver.

Termino com uma frase de Tito afirmada numa entrevista: “As provas das torturas trazemos no corpo”. Sim, no corpo e na alma, que não saem, que não se calam, que insistem em existir, que escrevem e se inscrevem na nossa experiência humana.

Bibliografia

BETTO, Frei. *Batismo de Sangue – Os Dominicanos e a Morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

_____. *Das Catacumbas – Cartas da Prisão 1969-1971*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Referências Virtuais:

www.adital.com.br [memorial On Line Frei Tito]

www.dominicanos.org.br [site da Província brasileira da Ordem Dominicana]